



## APRESENTAÇÃO

### Edição Especial: EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EDUCAÇÃO ESPECIAL

**Marion Machado Cunha<sup>i</sup>**

Universidade do Estado de Mato Grosso  
marion@unemat.br

Esta Edição, com a temática Educação Inclusiva e Educação Especial, vem nos provocar para as velhas e as novas problematizações em tempos de muita incerteza. Das velhas problematizações, as práticas de desigualdades e de opressão da classe dominante que insiste em definir as fronteiras de quem possui e controla as forças produtivas materiais e imateriais, regozijando-se com seu poder, e daqueles que sofrem sob a batuta desse controle e poder e que se encontram na condição de despossuídos ou, como diria Frantz Fanon (1968), “condenados da terra”. Gramsci (2004) já sublinhou dos perigos do lugar social, político e cultural do limbo da incerteza, fonte da indiferença, que precisa ser desafiado em toda sua construção histórica. Esse pensador italiano do século XX, que se valia dos Cadernos do Cárcere para mitigar a perseguição fascista, interpelou a necessidade de um novo sujeito da história, para o seu compromisso de apreender a realidade por autocrítica e pela crítica prática e orgânica. Também ele nos alertou sobre dialética entre o novo e o velho, na qual o novo sofre ao nascer diante do velho, que resiste em desaparecer na/da história.

Não se trata, nesta Edição, apenas desse movimento entre o velho e o novo, refere-se, também, às denúncias das exclusões e, disso, a luta pela inclusão como anúncio do novo. Aquele senhor pernambucano e de barbas brancas, o nosso Paulo Freire (1988; 1996), apontava para os desafios urgentes das lutas contra às opressões, gestadas por uma minoria: de que as lutas dos oprimidos imprimam esperanças e os anúncios para a vida e do “ser mais”. Estamos, sim, em tempos de incerteza, mas também de elevar às diferenças em todos os matizes, amalgamando-as, em forma e em conteúdo, a partir das escolhas e das vontades de cada ser humano, de cada pessoa, do ser gente. Trata-se do processo de aprender e de ensinar no qual cada individualidade só é plena coletivamente.

“O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores” (MARX; ENGELS, 2005, p. 48). A União ampla dos trabalhadores para a historicidade prática e de efetividade dos lugares humanos na produção da vida, sem “grilhões reais ou imaginários” (MARX, 2010). Trata-se de superar o tempo abstrato e quantificado, do (e para o) qual apenas concorre a vida dos trabalhadores como energia viva, o da força de trabalho, para a produção e o acúmulo de riquezas e para a “ vaidade ” do despojar “oculto” dos mercados de ações, das grandes indústrias, dos agronegócios. Em outras palavras, a união dos trabalhadores consiste no irromper com a sociedade da violência e da mercadoria.

Ademais, sob o foco da Educação especial, os leitores ainda são convidados a pensar e a refletir

sobre os fazeres pedagógicos para além de uma modalidade da educação escolar no ensino regular, direcionada para pessoas com deficiência. Na verdade, explicitam composições de vidas e de cores em toda a sua sutileza dos lugares formativos, para os novos processos educativos contra os padrões e as relações dominantes que negam a vida em todo o seu via a ser. Disso, os artigos presentes nesta Edição constituem-se de historicidades de milhões de pessoas, mesmo sendo representativos em razão dos sujeitos pesquisados (uma gota d'água em um oceano), em razão das delimitações e constructos teóricos que a ciência exige.

Esses artigos nos desacomodam e nos mobilizam com seus holofotes teórico e metodológicos em meio à escuridão que testemunhamos, seja do passado ou do presente, dos tempos de incerteza, porque implicam em um novo ser social. Seja explícito ou não, também, nos levam a seguinte pergunta: de que futuro estamos tratando e qual o nosso lugar na história? Sim, são tempos de incerteza, aguçados por uma pandemia de um vírus mortal, cujas marcas serão sentidas por muitos anos. Contudo, esse momento histórico nos recoloca no centro da própria história, essa é a nossa esperança: a esperança de um “bem viver” (ACOSTA, 2016).

Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: autonomia Literária. Elefante, 2016.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 25.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. 1.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2.ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.

---

<sup>i</sup> Sobre o autor: **Marion Machado Cunha** é Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Sinop, MT. Doutor em Educação pela UFGS e Mestre em Educação pela UFSM. É Coordenador Institucional do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - PROFEI

**Como citar este texto:** CUNHA, Marion Machado. Apresentação. Revista Educação, Cultura e Sociedade, vol. 11, n. 3, p. 01 – 02, Edição Especial 2021. DOI: <http://doi.org/10.30681/2237-1648>

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011 e avaliada pela CAPES.

**Indexadores:** DOAJ – REDIB – LATINDEX – LATINREV – DIADORIM – SUMARIOS.ORG – PERIÓDICOS CAPES – GOOGLE SCHOLAR